A IMPORTÂNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O FOMENTO DA DIVERSIDADE DOS PRODUTOS ARTESANAIS DE MINAS GERAIS

Mariana Sayad de Sousa Bustamante[1]
Adilson da Silva Mello[2]

Resumo: O trabalho aborda a produção de peças têxteis artesanais no estado de Minas Gerais. A pesquisa é sobre a ausência de políticas públicas que fomentem a diversidade de fibras têxteis locais utilizadas na produção destas peças, gerando um questionamento sobre o quanto podemos chamar de produtos locais, as peças feitas com materiais industrializados e comprados em outras cidades, apesar de evidências de haver insumos locais para a produção artesanal. Há uma ausência de estudos sobre a diversidade do artesanato têxtil produzidos em Minas Gerais, por isso, esse trabalho utilizou como metodologia os caminhos seguidos pela gastronomia artesanal para a criação de políticas públicas e algumas entrevistas com artesãs da região do Sul de Minas. Como resultado, uma reflexão sobre a necessidade de mais estudos sobre a diversidade do artesanato da região, principalmente no que tange à matéria-prima.

Palavras-chave: políticas públicas, artesanato têxtil, fibras naturais.

INTRODUÇÃO

Não existem muitas pesquisas científicas em torno do artesanato têxtil de Minas Gerais, assim como, também não há pesquisas sobre o setor têxtil, no campo industrial. Há diversas regiões de Minas Gerais que têm a indústria têxtil como importante atividade econômica, como a cidade de Borda da Mata (Sul de Minas) com a confecção de peças de decoração para ambientes residenciais, que já superou as confecções de pijamas, que foi durante um bom período a maior identidade econômica da cidade.

Uma das pesquisas mais relevantes sobre o artesanato têxtil brasileiro foi resultado de um projeto realizado pela FUNARTE (Fundação Nacional das Artes) em parceria com o Instituto Nacional do Folclore, realizado na década de 1980, onde culminou na publicação de uma série de livros sobre as técnicas de artesanato, em diversas partes do Brasil. Há também pesquisas sobre a tecelagem artesanal no Triângulo Mineiro, principalmente porque em 1785 Lisboa publicou um decreto proibindo a atividade de tecelagem no Brasil, como parte do acordo comercial entre Portugal e a Inglaterra, onde ficou acordado que o país português e suas colônias apenas

[1] Mestranda no programa de mestrado Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade DTECS - UNIFEI. Email d2020101111@unifei.edu.br.
[2] Docente no programa de mestrado Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade DTECS - UNIFEI. E-mail prof.adilsonmello@gmail.com

comprariam produtos têxtis do país inglês. A região do Triângulo Mineiro foi uma das poucas regiões do país que manteve suas atividades de tecelagem de forma clandestina (MAUREAU, 1984). Quando o assunto é artesanato mineiro, há um número significativo de pesquisas sobre saberes e modos de fazer registrados como Patrimônio Cultural de Minas Gerais e mais ainda quando ligado a área da gastronomia artesanal.

Esse trabalho é um desdobramento da pesquisa para o programa de mestrado do programa de Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (DTecS), da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) que tem como tema o processo artesanal da lã de caneiro na região da Serra da Mantiqueira. Durante a pesquisa, foi evidenciada a falta de pesquisas sobre as fibras têxteis naturais disponíveis na região, assim como a ausência de políticas públicas que valorizem a utilização destas fibras no artesanato têxtil da região.

O objetivo deste trabalho não é discutir sobre a moda e seus desdobramentos, mas sim a fibra têxtil local utilizada para confecção de artesanatos regionais de Minas Gerais, como por exemplo as colchas de retalho, ou peças de decoração com técnica de *patchwork* ou peças confeccionas com tricô, crochê ou bordado. As artesãs são mineiras, algumas aprendem a técnica dentro da própria família e outras com cursos ofertados pela internet ou pelo Sebrae de suas regiões. Mas muitas não sabem a origem da matéria-prima e a grande maioria utiliza fibras sintéticas compradas em outras cidades. Mas podemos chamar esse artesanato de local, mesmo utilizando matéria-prima de outra região? Essa pergunta se torna necessária quando pensamos na gastronomia mineira, que é mais valorizada, quanto feita com produtos locais e com técnicas locais, sendo um exemplo bem ilustrativo o queijo artesanal mineiro. Esta é uma conquista fruto de políticas públicas estaduais que visam a priorização dos produtores, produtos, saberes e cultura locais.

Finalmente, chegando à problemática e à pergunta que este trabalho tenta responder é: a criação de políticas públicas poderia ser uma estratégia possível para o fomento da diversidade de matéria-prima têxtil local dos produtos artesanais de Minas Gerais? Para isso, a metodologia utilizada foi uma pesquisa sobre as políticas públicas mais atuais voltadas para a valorização da cozinha mineira e como elas impactam na cadeia produtiva local, pesquisa sobre a Convenção sobre a Proteção e Promoção da

Diversidade das Expressões Culturais. Depois, uma contextualização sobre as fibras têxteis da região de Minas Gerais, passando pela lã de carneiro produzida na região e a fibra de bananeira, como exemplos. Além disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre cultura, cultura popular, tecelagem e fibras naturais.

Durante a pesquisa para a dissertação de mestrado que está em andamento, foram realizadas diversas entrevistas com artesãs de cidades do Sul de Minas, como Pedralva, Pouso Alegre, Passa Quatro, Borda da Mata, Maria da Fé e Gonçalves. Algumas entrevistas foram realizadas por aplicativos de videoconferência e gravadas, já outras foram realizadas com conversas através de chat, por troca de mensagens escritas, pois as artesãs não tinham conexão de internet de boa qualidade para videochamadas.

CULTURA E O ARTESANATO

Em uma visão da Teoria ator-rede (LATOUR, 2012), o termo cultura corre o risco de ser considerado um repositório no sentido de que é utilizado para explicar diversas ações dos atores de uma forma simplificada, sem que seja necessário maiores aprofundamentos nas redes formadas a partir das ações heterogêneas dos atores. Então, a cultura não é a explicação para tudo, nem deve ser encarada como um ponto de partida, mas sim, as ações dos atores são os pontos de partida para tentar uma explicação mais abrangente sobre cultura.

Já na visão de Geertz (2008), a “cultura de uma sociedade” é um conjunto de estruturas, uma teia de significados entre o homem e seu território. Para ele, a cultura é algo público, porque para ser transmitida, precisa ser copiada pelo outro, então, precisa ser conhecida de uma forma mais generalizada. Geertz também pontua que o texto antropológico é uma ficção, no sentido de algo construído, ou seja, quando escrevemos sobre uma cultura estamos fazendo uma interpretação de segunda ou terceira mão, pois para o autor a interpretação em primeira mão, apenas os nativos são capazes de fazer.

Relacionando esses dois autores, é possível pontuar que a cultura é resultado de uma conexão entre os humanos e não-humanos usando um termo empregado pela Teoria ator-rede (LATOUR, 2012), em que o território onde os humanos estão inseridos agem e fazem parte do social, numa relação de poder entre humanos e não-humanos. Sendo necessário realizar uma análise muito mais densa, levando em conta as relações

de poder, ação de todos os atores e a complexidade das relações entre eles. Em um exemplo, sem a fibra têxtil, os artesãos não realizam seus artefatos, ou seja, não são artesãos. Os artefatos depois de prontos criam outras redes que envolvem os locais onde serão expostos para venda, *tags* que contém os preços, marcas e até a história daquela técnica artesanal e a origem da matéria-prima, gerando o valor agregado.

> Segundo Renato Imbroisi, consultor de design do Sebrae: "Para saber se o produto vai agradar o consumidor, a pesquisa de mercado, e o que conta a história do produto faz essa diferença. Além do produto em si, a história que tem por trás." A pesquisa de mercado ajuda a revelar os desejos do consumidor, em compasso com as tendências da moda. (SAPIEZINSKAS, p. 149, 2012)

Geertz (2008) diz que o artesanato não está apenas ligado a uma técnica artesanal, ou seja, o fato de uma pessoa saber tricotar, não a torna um artesão ou artesã. O que a torna é o fato dela estar inserida em um contexto que está cheio de significados que se articulam e se compartilham, ou seja, são públicos. Segundo o autor, essa integração entre o homem e o local onde está inserido constituí parte de sua identidade cultural.

> A cultura está sempre enraizada em base territorial, proveniente da integração do homem para adequar-se às adversidades do local, construindo assim sua identidade. O exemplo dessa adaptação ao território destaca-se no modo de fazer dos utensílios, seus usos e costumes. A história do artesanato tem início no mundo com a própria história do homem, pois a necessidade de se produzir bens de utilidades e uso rotineiro, e até mesmo adornos, expressou a capacidade criativa e produtiva como forma de trabalho. (CASTILHO et al., p. 2, 2017)

O artesanato para a Teoria ator-rede é uma rede heterogênea onde os humanos (artesãos e artesãs) estão no mesmo patamar que os não-humanos (ferramentas, matéria-prima, artefatos, oficina...), formando um social diluído que vai além da sociedade. Então, o artesanato é construído de "laços" entre os atores de uma rede, formando agrupamentos que precisam ser feitos e refeitos constantemente. As ações desta rede devem ser descritas, através de relatos, ou seja, elas precisam ser visíveis e as controvérsias não devem ser escondidas ou simplificadas, pelo contrário, para a TAR

devemos iniciar pela diferença. Caso contrário, iniciaremos a análise com a versão de que o artesanato é uma tradição, mas o caminho é inverso para a TAR, partimos das controvérsias em torno de uma tradição e mostrando como ela foi construída e quais as relações entre os atores nesta construção e desconstrução.

O artesanato têxtil é caracterizado por uma cadeia de produção formada por artesãos que desempenham diversas funções, como a preparação dos fios, a tecelagem, acabamentos, bordados, tapeceira e vestimentas em geral. O ofício de artesão na cultura plebeia do século XVIII era transmito de forma oral e de pai para filho, onde as crianças iniciavam seus aprendizados com as tarefas caseiras e depois de mais velhos passavam a aprender algum ofício, que se dava de forma oral, pois eram conhecimentos de "uma sabedoria comum da coletividade" (THOMPSON, 1998). A forma de transmissão de conhecimento passa a ser escrita e mais "formalizada" a partir da educação formal, principalmente depois da Revolução Industrial, onde o trabalho passa a ser medido em horas e o ensino de ofício passa a ser cada vez mais especializado e sistematizado.

Atualmente, muitos artesãos e artesãs aprendem o ofício com cursos específicos, sendo estes pagos pelos próprios interessados, podendo ser realizados de forma online ou presencial. Assim como podem ser pagos por instituições públicas ou privadas, como parte de programas de geração de renda para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Um exemplo dessa atuação de uma instituição privada para o fomento de cursos de artesanato é o SEBRAE, que tem como discurso oficial a orientação para que as pessoas invistam naquilo que "fazem de melhor".

> O Sebrae orienta a mulher a focar-se naquilo que ela faz de melhor. O termo "natural" aparece aqui como se, na natureza da mulher, houvesse uma predisposição para trabalhos manuais com agulhas, como bordados ou costura, e para a produção de objetos com fins decorativos. Sabemos que tais características, bem como sua quase total exclusividade no cuidado dos filhos, são parte da construção cultural do papel social feminino. Aqui já nos deparamos com um primeiro mito: da familiaridade da mulher com as agulhas. (SAPIEZINSKAS, p. 137, 2012)

O SEBRAE realiza uma série de ações que fomentam o artesanato como um setor das indústrias criativas, ou seja, utiliza de estratégias da economia criativa para gerar o valor agregado através dos seguintes pilares, segundo definição de Ana Carla Fonseca Reis, em seu livro "Cidades Criativas" (2012): 1- Reconhecimento do valor

agregado dos ativos intangíveis; 2- Complementariedade das políticas (cultural, tecnológica e econômica); 3- Expansão do conceito de cadeia setorial para o de redes de valor integradas e 4- inserção das tecnologias digitais como espinha dorsal da criação, produção, circulação e/ou consumo criativo.

No que tange o item um da lista da autora, entra os setores das expressões culturais, onde o "intangível criativo passa a ser validado como conteúdo das indústrias criativas" (REIS, p.46, 2012). Aqui é que o SEBRAE se apoia para orientar os artesãos e artesãs a valorizarem o que de melhor, ou seja, o que possuem maior conhecimento, sendo este um ativo econômico da economia criativa. Sobre o item dois, entra o investimento na educação e entendendo que a criatividade é algo essencial para esses setores da economia criativa. O terceiro item consiste nesta forma de arranjo que caracteriza a economia criativa, que é impulsionada pela tecnologia, gerando novas formas de consumo que contrastam das "cadeias setoriais lineares que caracterizavam a economia industrial" (REIS, 2012). Segundo a autora, estas novas abordagens desdobram-se em muitas possibilidades de produtores e consumidores. O último item coloca a tecnologia digital como um ator importante tanto para o desenvolvimento de produtos, quanto na distribuição e/ou comercialização deles.

ARTESANATO DE MINAS GERAIS E AS POLÍTICAS PÚBLICAS

Em 2017, o governo do estado de Minas Gerais, lançou o projeto "+Artesanato" que tem como principal objetivo de planejamento para a criação de políticas públicas para a área, que gerou o Plano Quadrienal de Desenvolvimento do Artesanato Mineiro (2018-2021). Na comunicação da Secult (Secretaria Estadual de Cultura e Turismo), evidenciada no *sítio* institucional, fica claro que há um grande esforço do Estado em prol da valorização do artesanato segue dois eixos distintos. O primeiro eixo voltado às culturas reconhecidas como patrimônio cultural imaterial registados pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural estadual (IEPHA) ou nacional (IPHAN). Como exemplo, o artesanato em barro do Vale do Jequitinhonha, onde só pode ser considerado da região se for produzido com as técnicas registradas e com o barro da região. As ações de valorização neste caso, vêm através do ICMS Patrimônio Cultural que consiste em um programa de incentivo à preservação do patrimônio cultural do estado de Minas

Gerais através de repasse de recursos para os munícipios que protejam seus patrimônios culturais tangíveis ou intangíveis através de políticas públicas.

O segundo eixo é voltado ao setor gastronômico com foco na valorização de técnicas locais e utilização de ingredientes da região. Em 2014, foi criada a Frente da Gastronomia Mineira que tem como objetivo promover a interação entre diversos atores envolvidos na cadeia produtiva, como o poder público, instituições públicas e privadas, empreendedores, formadores de opinião, profissionais e pesquisadores da área. Como uma das principais conquistas da FGM foi a nomeação de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, como cidade criativa da gastronomia pela UNESCO. Essa é uma ação internacional criada em 2004, chamada Rede de Cidades Criativas da UNESCO (Creative Cities Netwok), que salienta a importância da criatividade em prol do desenvolvimento, enfatizando três eixos principais: cidades que abrigam cadeias das indústrias criativas[3], fomentam a criação de *clusters* criativos[4] e formam canais para mercados internacionais (REIS, 2012).

> A Frente da Gastronomia Mineira (FGM), coletivo formado por profissionais e instituições atuantes e/ou interessadas pelo setor, formou-se em 2014, sendo o primeiro coletivo com tal finalidade no país e que hoje congrega mais de 500 membros. A FGM foi catalisadora de diversas iniciativas no estado, dentre elas a demanda por elaboração de leis específicas que, entre outros temas, chancelaram a necessidade de criar um plano de desenvolvimento para o setor, dando assim visibilidade ao tema e reforçando a necessidade de políticas públicas específicas (GOVERNO ESTADUAL DE MINAS GERAIS, 2021)

A FGM não se identifica como um grupo já constituído, mas sim um coletivo de diversos atores em prol de um objetivo em comum. Isso se faz necessário, pois foi a FGM que reuniu atores heterogêneos da cadeia produtiva da comida mineira, desde instituições já constituídas, até quitandas, produtores e *chefs* locais. A FGM constitui um projeto de juntar novas entidades, entre elas atores doravante excluídos da cadeia

[3] A gastronomia faz parte da cadeia de indústria criativa no Brasil, segundo um estudo realizado pela FIRJAN em 2006

[4] *Cluster* Criativo: "Bebendo da proposta de *cluster* empresarial, a de *cluster* criativo assumiu configuração própria, firmou-se detentora de características especiais e capaz de desempenhar papel peculiar no contexto urbano, orquestrando potencialmente as dimensões social, econômica e cultural" (FONSECA, 2015, p.13)

produtiva da gastronomia que entretanto agem dentro deste ecossistema e possuem laços com outros atores. “O Plano de Estadual de Desenvolvimento da Cozinha Mineira” foi lançado em 2021, como uma ação da FGM onde fica evidenciado a rede de atores envolvidos no coletivo e quais serão as metas e as ações para a valorização da gastronomia. O documento está alinhado tanto com a Rede de Cidades Criativas da UNESCO, quanto com a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, lançada em 2005, em Paris (França) que tem a diversidade cultural como um dos princípios diretores, no que tange o desenvolvimento sustentável.

A Convenção sobre a Promoção e Proteção da Diversidade das Expressões Culturais em um de seus princípios diretores tem a diversidade cultural como uma condição especial para o desenvolvimento sustentável e entende a importância dos bens e serviços culturais que compõem as indústrias culturais para este fim.

> A diversidade cultural constitui grande riqueza para os indivíduos e as sociedades. A proteção, promoção e manutenção da diversidade cultural é condição essencial para o desenvolvimento sustentável em benefício das gerações atuais e futuras (UNESCO, 2005)

O artesanato faz parte do núcleo das indústrias culturais, mais precisamente na categoria de expressões culturais, então, garantir sua diversidade através de políticas públicas é tão importante, quanto garantir para a gastronomia que também compõe o mesmo núcleo e categoria do que o artesanato (FIRJAN - FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2019). Segundo o livro “Cidades Criativas”, da autora Ana Carla Fonseca Reis, os países em desenvolvimento analisados em bloco se sobressaíram em exportação mundial do artesanato quando comparados aos países em transição ou desenvolvidos, ou seja, esse dado mostra o potencial comercial do artesanato brasileiro, o que já seria outro motivo para o fomento de diversidade local dos artefatos.

Tanto o Plano Estadual de Desenvolvimento da Cozinha Mineira, FGM, quanto a Convenção e a Rede de Cidades Criativas têm em seus objetivos e suas metas diversas coisas em comum, mas uma é um dos objetivos deste trabalho, sobre a criação de políticas públicas voltadas para a valorização da cultura e produção local, como algo que faça parte da definição da gastronomia artesanal local. Mas as duas primeiras em

nível local visam apenas no que tange os ingredientes, pois em nível estadual não há nada parecido referente ao artesanato têxtil, ou seja, nenhum tipo de fomento a valorização da utilização fibras locais para a confecção de artefatos. Então, se um artesão ou artesã utiliza uma fibra industrializada comprada em outro estado ou até mesmo país, e com ela faz um artefato, este é considerado tão artesanal quanto um outro artefato feito com as fibras locais.

Artesãs do Sul de Minas entrevistadas que realizam peças de decoração em lã de carneiro, a partir da técnica de feltragem seca com uso de agulhas próprias para este fim, conseguem fazer artefatos em três ou duas dimensões utilizando apenas a lã de carneiro. Nenhuma das artesãs entrevistadas utiliza a lã de carneiro da região, sendo que há produção no estado, inclusive sendo descartada, segundo relato de um profissional que realiza tosa de carneiros na região do Sul de Minas e Interior de São Paulo[5]. Segundo dados do Embrapa, o estado de Minas Gerais produziu cerca de sete toneladas de lã de carneiro em 2017, mas só vendeu duas toneladas neste mesmo ano (MAGALHÃES; LUCENA, 2019).

Além disso, em entrevistas realizadas com duas líderes de projetos socioculturais que utilizam a lã de carneiro da região do Sul de Minas Gerais e interior de São Paulo para confecção de peças de artesanato relataram que a principal fonte de sua matéria-prima é de lã doada por produtores de ovinos lanados para corte, que seria descartada, pois os preços da fibra são muito baixos e, segundo estes produtores, a venda não vale a pena.

> Sobre os dois casos comparativos entre o AVE LÃ e o Mãostiqueiras. Os dois projetos têm diversos pontos parecidos e, ao mesmo tempo, diferenças significativas. Primeiro sobre as semelhanças, ambos evidenciaram que a lã descartada é um valioso ativo econômico da região da Serra da Mantiqueira. Outra semelhança é que ambos perceberam que não tinham pessoas que fizessem artesanato com a lã de carneiro, então, passaram a ensinar o ofício, na grande maioria, para mulheres. A última semelhança é que os dois projetos têm como um dos objetivos resgatar a tradição da Serra da Mantiqueira em fiação artesanal com a lã de carneiro (BUSTAMANTE et al., 2020)

[5] Relato registrado em entrevista com o tosador Célio Vieira, como parte da pesquisa de dissertação de mestrado em andamento.

Há várias perguntas que permeiam essa questão da lã de carneiro produzida em Minas Gerais, em especial na região Sul do estado, uma política pública poderia ser criada para que houvesse a valorização da lã como um subproduto da produção de carneiros, assim como a lanolina, que é utilizada em diversos produtos da indústria de cosméticos? Uma destas mulheres entrevistadas, Juliana Bastos (Mãostiqueiras) afirmou que gera renda para 35 artesãs que trabalham no projeto com foco no turismo em Campos de Jordão, então, será que no âmbito da política pública não seria possível ir para o caminho de valorização da matéria-prima local, colocando o turismo como um meio de gerar mercado para estes produtos?

Sobre a utilização de fibra de bananeira sendo também um subproduto da produção de banana. No Sul de Minas, um projeto que explora essa matéria-prima é a cooperativa Gente de Fibra, localizado em Maria da Fé. O projeto é o resultado da articulação entre a prefeitura da cidade e o SEBRAE-MG, voltado para a criação do projeto de Desenvolvimento de Turismo Rural na cidade. Com a coordenação do artista plástico Domingos Tótora, artesãs da cidade produzem peças artesanais a partir de papel reciclado e fibra de bananeira, como sacolas, jogo americano e outras peças decorativas. Mas não é o único a trabalhar com o material, segundo o Catálogo de Artesanato de Minas Gerais do SEBRAE-MG, há diversas artesãs que utilizam derivados da bananeira para produzir peças. Por exemplo, em Capitão Enéas há o projeto “Capitania de Fibras”, que produz caixa de vinho com os fios do tronco da bananeira, em Santa Rita do Sapucaí, o artesão Waldir Azevedo Coutinho, produz peças com figuras humanas com a folha de bananeira e há outros que utilizam essa fibra (SEBRAE, 2020).

Um dos pontos que merecem atenção nos dois casos: a fibra de bananeira e a lã do carneiro é que ambos são subprodutos de produtos utilizados pela gastronomia, então, outra pergunta é se as políticas públicas voltadas para a valorização de matéria-prima local para o artesanato têxtil não poderiam dialogar com as da gastronomia, que já estão mais estruturadas e agrupadas com a gastronomia? Ou se dentro da questão da sustentabilidade do setor gastronômicos não caberia algo sobre o aproveitamento dos subprodutos para confecção de outros artefatos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho tem como principal objetivo gerar questionamentos sobre a diversidade do artesanato têxtil de Minas Gerais, uma vez que algumas peças são produzidas com matéria-prima industrializadas e compradas em outras regiões; dentro desta perspectiva, a diversidade estaria atrelada apenas ao modo de fazer, a técnica aplicada que, por sua vez, muitas vezes não é aprendida na região também. O quanto que este artesanato vendido como local dialoga com a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais? O projeto "+Artesanato" é uma forma de diálogos neste sentido, já que inclui toda a cadeia produtiva do artesanato, será que poderia ser um caminho para algo voltado na valorização da matéria-prima de todo o estado e respeitando a diversidade dos territórios?

A gastronomia e o artesanato são do mesmo núcleo das indústrias culturais, mas como a capital do estado de Minas possui o título de Cidade Criativa por sua gastronomia, ganhou políticas públicas de fomento, em detrimento de outras áreas criativas que também geram renda, tem relação com a identidade cultural e cultura local. Há necessidade de mais pesquisas sobre a matéria-prima produzida em Minas Gerais para além da gastronomia, para que seja avaliado de forma mais assertiva a construção de políticas públicas de fomento das indústrias culturais que compõem diversa gama da economia criativa e da cultura no estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUSTAMANTE, M. S. de S., RANIERI, M. G. A.; CAPELLATO, P. e MELO, A da S. **A lã de carneiro descartada vira artefatos artesanais na serra da mantiqueira**. In: CoBICET, I, 2020. Anais, 2020.

CASTILHO, M. A. et al. **Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local**. Interações, v. 18, p. 191–202, 2017.

Catálogo de artesanato: Minas Gerais. Belo Horizonte: SEBRAE-MG, 2020.

FIRJAN - FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Estudos e Pesquisas: Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2YjkngY>

FONSECA, Ana Carla. **Anais do Seminário Internacional Clusters Criativos**: reflexões e inspirações. São Paulo: Sesc, Fecomercio, 2015.

GEERTZ, Cliffort. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOVERNO ESTADUAL DE MINAS GERAIS. **Plano Estadual de Desenvolvimento da Cozinha Mineira,** Belo Horizonte, 2021.

_____. Projeto +Artesanato - Plano quadrienal de Desenvolvimento do artesanato mineiro 2018-2021, Belo Horizonte, 2017.

LATOUR, B. **Reagregando o Social - Uma introdução a teoria do Ator-Rede**. Salvador, Bauru: Edusc, Edufba, 2012.

MAGALHÃES, K. A.; LUCENA, C. C. **Características e evolução da ovinocultura a partir dos dados definitivos do Censo Agropecuário de 2017, Embrapa Caprinos e Ovinos:** Embrapa: Sobral, 2019. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1117066/1/CNPC2019Doc132.pdf>

MAUREAU, X. **Tecelagem Manual No Triangulo Mineiro**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Brasileiro, p. 56–63, ago. 1984.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades Criativas: da teoria à prática**. São Paulo: SESI-SP, 2012

SAPIEZINSKAS, A. **Como se constrói um artesão: negociações de significado e uma "cara nova" para as "coisas da vovó"**. Horizontes Antropológicos, v. 18, n. 38, p. 133–158, dez. 2012.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

UNESCO. **Convenção Sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões CulturaisOrganização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura,** Lisboa, 2005.

Entrevistas

BASTOS, Juliana Müller. Entrevista concedida à Mariana Sayad de Sousa Bustamante. Pouso Alegre, 15 jun. 2020.

CARMIRO, Semiramis Brandão. Entrevista concedida à Mariana Sayad de Sousa Bustamante. Pouso Alegre, 04 dez. 2020.

GUEDES, Elis Nogueira. Entrevista concedida à Mariana Sayad de Sousa Bustamante. Pouso Alegre, 22 março 2021

ESPÍNDOLA, Eva. Entrevista concedida à Mariana Sayad de Sousa Bustamante. Pouso Alegre, 22 e 23 março 2021.

SCHERTEL, Inês. Entrevista concedida à Mariana Sayad de Sousa Bustamante. Pouso Alegre, 01 dez. 2020.

VIEIRA, Célio. Entrevista concedida à Mariana Sayad de Sousa Bustamante. Maria da Fé, 03 set. 2020.

ROTTA, Jane. Entrevista concedida à Mariana Sayad de Sousa Bustamante. Pouso Alegre, 17 jun. 2020.